

Meu estro se extasia, ao ver o ocaso
vermelhecer, à curva descendente
do sol: são seis e vinte e é, sem atraso,
que ele boceja e some, no ocidente...

Meus dedos fremem, não por mero acaso:
há que selar o vóo mais recente,
os frêmitos e arroubos do parnaso,
ao mergulhar as asas no poente;

e, então, a gotejar vermelho e rosa
– colhidos na viagem espantosa,
realizada às fimbrias do cariz, –

vê-lo embecendo a pena em mil rubores
e, num papel, eternizando as cores
do sol poente, em glorioso bis...

Darly O. Barros, Celagem

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
o som longínquo vem-se aproximando
do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
o remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacentas,
a lua a estrada solitária banha...

Raimundo da Mota Azevedo Correia (1860/1911),
A Cavalgada; em Grandes Sonetos da Nossa Língua,
de José Lino Grünewald, 1988

Nessa tarde chuvosa, meio acinzentada,
vou na infância buscar a emoção fugidia.
Encosto-me à janela, como antes fazia,
para espiar na rua as águas da enxurrada.

Ronda-me conhecida sensação passada...
O vidro da vidraça é uma carícia fria!
Aqueço-me, porém, no afago que existia
naquele alegre tempo de criança amada.

Tarde de chuva, tarde de história tristonha,
a relembrar da vida um tempo muito antigo,
que mais parece ser a história de quem sonha.

Sou menino outra vez, na magia de agora,
ao pressentir mamãe a contemplar comigo
a chuva derramando saudades lá fora.

Sebastião Alicia Sundfeld,
Saúde em Tarde de Chuva

Veleiro de vela panda,
perdeste o rumo e, a bailar,
vais brincando de ciranda
nas águas verdes do mar!
Célio Grünewald, em Menestrel 0006

Pranto da noite chorosa,
orvalho feito diamante,
natureza caprichosa,
cristalizou num instante.
Sylvia Reys, em Fanal 0003

Ralha o chefe, quando chego
atrasado e irritado...
Eu até gosto do emprego;
só não gosto é de serviço!
Antonio V. Rufatto,
em BI UBT Magé 0002

Sobre mulher não discutam;
seus impulsos não se medem,
as mais fracas também lutam,
as mais fortes também cedem.
Nydia Jaggi Martins, em Sem Limites 0004

Num reino que tanto mata,
onde a ambição desatina,
mesmo sem ouro e sem prata,
o rei... é quem se domina!
Diche Galvão Campos, em Trovaregre 0003

Infância é um brinquedo usado
que um dia a vida resolve
tomar um pouco emprestado
e nunca mais nos devolve!
Arlindo Tadeu Hagen,
em Trovaregre 0006

V O V Ô D A V I D

Leonilda Hilgenberg Justus, em BI Associação Germânica dos Campos Gerais 9909

Escuto desde quando pequenina,
histórias tantas, belas, verdadeiras,
do tempo em que papai aventureiras
viagens fazia em mula adamantina.

Na época do feito, uma criança
ele era, porém, já muito vivo
para gravar, bem fundo, o gesto ativo
do seu pai, um herói na relembração.

Vovô, bem moço, ainda, fez-se guia
da sua gente, pelo seu valor.
Forte e ativo, lutava com amor
para ofertar aos seus, pão e alegria.

Possuía um carroção de oito cavalos,
igualzinho ao dos filmes de mocinho...
Com ele trabalhava, bem cedinho,
até a tarde, e assim sem intervalos.

Um dia... há muito tempo... gerações...
o Exército passou por Ponta Grossa,
para um feito de luz na história nossa,
até hoje ignorado, sem razões...

O capitão da tropa em providência
urgente, procurava, ansiante, alguém
que conhecesse o Paraná além
do conhecido, para ecoante ciência.

E o honrado foi vovô na seleção,
que de pronto aceitou o desafio
ao seu patriotismo luzidioso,
com base firme no Brasil, seu chão!

E lá vão eles, os desbravadores
das terras onde canta o sabiá...
Vovô à frente, na carroça: – Huá!!!
e atrás o pelotão entre os verdores.

Abeiram-se de um rio – o Cavernoso!
Pelo nome é bem fácil retratá-lo:
escuro, largo e feio! Ai, um resvalo...
e nada restaria... pavoroso!

Pois bem, vovô em ato de coragem,
adentra-o! Num plact! Cai-lhe um tamanco!
O que fazer? Abaixa-se, e num tranco,
tenta apanhá-lo dentro da voragem!!!

Quando uma ordem ouve: – Segue, amigo!
É muito perigoso! – E ele obedece,
vencido, balbuciando intensa prece:
– Que cobra alguma queira algo comigo!

E atravessam o rio de-va-ga-ri-nho...
a passagem não era brincadeira!
Mas, por bom carroceiro, alma guerreira,
o avô cruza suas águas em remoinho.

De pés no chão... palmilha a nova terra:
foz do Iguacu, aos vivas dos demais,
em saudações alegres, fraternais,
no desafio que a vitória encerra.

O capitão, um homem exemplar
no tratamento aos seus subordinados,
chama um soldado e pede-lhe uns guardados
trazidos para alguns homenagear.

Abre um pacote e estende ao vô um par
de botas novas. Fortes, reluzentes!
Surpreendido e feliz, com gestos quentes,
ele agradece, e as botas vai calçar.

Depois... a volta e os “causos” recontados
perto de um fogo e goles de café,
quando o respeito, a admiração e a fé,
os preitos que a vovô foram prestados!

(Vovô David Hilgenberg era filho de imigrantes russos-alemães)

U M T R O V A D O R E M F O C O

Vou focalizar, hoje, um trovador
que parece ter passado sua vida
inteira na busca de um “achado”:
bacharelou-se em direito, estudou
medicina, foi promotor público, foi
professor de História e de Literatura
– mas optou por ser jornalista, meio
onde se realizou profissionalmente,
sendo um dos recordistas de permanência
nas páginas dos jornais de
Belo Horizonte e do Rio de Janeiro.

Nos jornais, usou e abusou da
trova em seus artigos diários, e essas
suas trovas eram líricas, mordazes,
satíricas, filosóficas, humorísticas,
de ocasião...

Vou falar um pouco sobre **Djalma
de Andrade**... Suas trovas, de rimas
simples ou duplas, são completas.
Por exemplo:

Vendo-te, vem-me à lembrança
tudo que leva ao pecado:
um quarto, um leito de penas,
um lampião apagado.

Tive sede... Com teu beijo,
quis matá-la e foi pior:
depois de morto o desejo
veio um desejo maior!
De todas que amei no mundo,
uma somente ficou.
Deixou traço mais profundo
quem mais de leve pisou!
Todo teu corpo estremece
se te falo – que doídice!
Que dirás se eu te dissesse
tudo aquilo que eu não disse!!!

Djalma de Andrade publicou as
seguintes obras: Vinha Ressequida,
Poemas de Ontem e de Hoje, Poemas
para as Escolas, Cartucho de Festim,
etc.. A imprensa diária de Belo
Horizonte sempre esteve recheada de
poemas, de epigramas... de trovas, de
muitas trovas. Seu humorismo, ora
sutil e leve, ora mais agudo e ferino,
nos deu trovas deste jaez:

Viúva, de andar esquivo,
com seu vago olhar absorto,
eu vivo pensando, vivo,
na vida que deste ao morto.

Hoje só sedas consome
essa morena supimpa:
– depois que sujou o nome
é que ela vive mais limpa!
Com setenta anos de idade
o velho se confessou...
Pecado? Não. Só vaidade
de dizer que já pecou!
Tua modista, senhora,
mostrou ter grande talento,
prendendo um chapéu de plumas
numa cabeça de vento!
As calças do padre cura
e as de Maria de tal,
quando o demônio as mistura
dançam samba no varal!
Os meus castelos são lindos,
vê-los por terra me dói:
– passa uma saia e os construo,
passa outra saia e os destrói!

A L I C E

Com certeza, lembrando-se de
algum amor da juventude, compôs
estas duas trovas:

Eu, tão calmo e tão avesso
as emoções, não sei porque
se veio Alice, estremeço,
e ela cora se me vê.

Tenho medo, faço alarme
quando Alice me sorri:
– aos cinqüenta anos, quer dar-me
o que aos vinte lhe pedi!

Djalma de Andrade nasceu em
Congonhas do Campo, MG, terra dos
Profetas de Aleijadinho, e Patrimônio
Cultural da Humanidade. Desse
inesquecível trovador são estas
preciosidades:

Numa vela se resume
toda luz que o morto leva:
– ninguém vê que é pouco lume
para o tamanho da treva!

A dor, por maior que seja,
se comprime e se contraí:
– eu nunca vi dor, no mundo,
que não coubesse num ai!

Quando eu penso em ti, eu penso
tão alto, com tal tormento,
que chego a temer que os outros
escutem meu pensamento!

Vai o Tempo em correria,
tangendo com duro açoite,
o potro branco da luz
e o corcel negro da noite!

A saudade é a luz da lua,
luz que a tristeza gelou,
a iluminar os caminhos
por onde o sol já passou!

Que alegria suave e doce
na clara luz matinal!
Brilha o sol como se fosse
um pandeiro de cristal!

Eu disse, caros companheiros,
perto de vinte trovas de **Djalma de
Andrade**. Muitas mais eu diria, se
tempo houvesse.

Djalma de Andrade foi um trova-
dor dos primeiros tempos do trovis-
mo no Brasil, desde a década de 60,
– e sua produção foi ótima, em
quantidade e qualidade. Faleceu no
ano de 1975.

Resumo da palestra feita na reunião de 000513 da
União Brasileira dos Trovadores – Seção São Paulo,
SP, no Clube Português de São Paulo, pelo trovador
Héron Patricio.

Qual fantasia perdida
que se desfaz na amplidão,
tudo é efêmero na vida,
feito bolha de sabão!

Antônio Coutinho, em Trovaregre 0006

Garimpeiro, pelos vãos
dos teus dedos que envelhecem,
muda as riquezas de mãos
para mãos que não merecem!...

Arlindo Tadeu Hagen, em Trovaregre 0006

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Êta vida besta, meu Deus.

Carlos Drummond de Andrade (1902/1987), Cidadezinha Qualquer; em Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

Porta entreaberta
filhos – alegres – saindo
frio leve chegando.

Emnice Aruda, em Caqui 9806
Despontando a lua...
A prece da Ave Maria
de um casal no campo.

Hidekazu Masuda, Goga; idem.
Girassóis no vaso
parecem desorientados.
Leste de paredes.

Manoel Fernandes Menendez, idem.

Hoje eu sou o Rio Negro,
ontem fui o Rio das Mortes
na contramão da sorte
me tornei o Solimões
correndo mais para o Norte
desagüei no Velho Chico
virei Rio Araguaia
e quando dei por mim
já era Tocantins
ai de mim, como um rei nu
afoguei-me no rio Gandu,
mendigo, não digo,

amanhã serei o Nilo,
e pernas pra que te quero
depois serei o Tejo
para não sair de cena
me passo pelo Sena,
mais adiante ainda
corro no Piauítinga.

Eu sou seu Rio Poxim,
por favor, mergulhe em mim.

Ilma Fontes, Sempre Rio; em Francis News 0001

Eu prefiro a arte caduca,
pois receio a evolução.
Quanto mais ela se educa,
mais aumenta a confusão.

Humberto Del Maestro, em A Figueira 9905

Responde, ó Deus, pela mão
que podes ver, calejada:
– Por que há de ter tanto chão
quando nele não planta nada?

Jaime Pina da Silveira,
em Trovaregre 0006

Aristóteles Laerdade Júnior,
em Fanal 0003

Carolina Ramos,
em Trovaregre 0006

Sintomáticos:
falam de paz, fabricando
só fanáticos.

Lauro de Almeida, em Fanal 0003

E dançando, alegre,
leve, pela correnteza,
vai a folha seca...

Lyad Sebastião Guimarães
de Almeida, de Haikas
(Antologia), 1992

Sai menino de minha terra.
Passei trinta anos longe dela.
De vez em quando me diziam:
sua terra está completamente mudada,
tem avenidas, arranha-céus...
É hoje uma bonita cidade!
Meu coração fica pequenino.
Revi afinal o meu Recife.
Está de fato completamente mudado.
Tem avenidas, arranha-céus.

É hoje uma bonita cidade.
Diabo leve quem pôs bonita minha terra!
Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (1886/1968),
Minha Terra; em Viver, Aprender Educação
de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998
Lânguida... mortíca...
deitada sobre a almofada
a gata espreguiça.
Sebastião Alicia Sundfeld, Descanso

Treze anos
ela não teve pai
não teve mãe
não teve escola
não teve infância
não teve afeto
mas pode parir.

Naiman, Vingança;
em Milênio 0003

Amanhece a cidade
em colorida cerração
ou será bonita a poluição.
Ulisses Tavares; em Viver,
Aprender Educação de Jovens e
Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998
Após chuva rápida
do chão úmido brotando –
o coaxar dos sapos.
Teruko Fujino Oda, em Caqui 9806

Outono a meio.
O cheiro das folhas queimando
e uma leve nostalgia...
Yara Shimada Brotto, em Caqui 9806
Um rosto feliz
sorri assim qual o meu
espelhado em teus olhos.

Sérgio Serra,

REFLEXÃO

KIDAIKS DE INVERNO

Abro um livro e leio, no Dia do Trovador, trovas muito lindas. Albertina C. G. dos Santos	Crianças rodeiam a frigideira chiando... Ah... o aipim frito! Guim Ga	Fim de tarde. Coçando bicho-de-pé... Cabocho na rede. Maria Helena S. S. Aipim
Imão mais velho. Vai onde os pequenos não vão. Chuva de ameixa. Carlos Roque B. de Jesus	A panela queimada pipoca branquinha. Saltitantes vão. Hazel de S. Francisco	Deixo a alma flutuar minha infância lá nas nuvens junto aos urubus... Mariemy Tokumu
O menino chora. Com agulha e mãe tirando bichinho do pé. Cícero Campos	Aipim "manteiga" chega cedinho da feira... —Quitutes no almoço! Humberto Del Maestro	Feliz, sorridente. Dia primeiro de julho bancário contente. Maurício F. Leonardo
Cadeiras vazias, computadores parados. Dia do Bancário.	Casa da farinha, terminou a farinha. Restou um aipim... João Batista Serra	Abre a fervura aipim, quase derretendo. Água na boca. Nadyr Leme Zanzer
Meus olhos procuram a néspera amarelinha. Mastigo ali mesmo. Djalda Winter Santos	Num estanho esgar, quase sorriso, ela arranca os bichos-de-pé. João Elias dos Santos	Na toska panela o milho explode alvo brilho pipoca... pipoca! Nilton Teixeira
E no fim do dia a diferença no caixa... — Dia do Bancário! Edel Costa	Buscando a sombra abrigo sob árvore: néspera no chão. Larissa Lacerda Menendez	Azálea vermelha, com um laço amarelo. Epa!?! Vooou... Paulo Alfredo Feitoza Böhm
Fazenda arrumada! Moças vestidas de chita, dia de vaquejada. Fernando Ribeiro da Cruz	No rio minguante, pescador vê peixe e anzol sumindo na areia... Leonilda Hilgenberg Justus	Das mãos inspiradas só rabiscos da memória Dia do Trovador!... Quelen Carini Abech Tabosa
Boiada, sedenta, fuçando em rio minguante aguinha barenta. Fernando Soares	Diálogo do Trovador. Já no ocase dum milênio busco novos versos... Luis Kohitiro Tokutake	O desejo lambe as glândulas salivares. É tempo de néspera. Roberto Resende Vilela
Muito atenciosa, parece que me entendendo, a coruja espia. Fernando Vasconcelos	Guarda-chuva aberto enfrento leve garoa. Pesa-me a saudade... M. U. Moncam	Diálogo do Bancário. Inaugura-se uma agência, caixas só automáticas! Sandra Parana
Lavrado arranca com violência, da terra, o frustrado aipim. Franciela Silva	Sobre o céu azul chacina de adolescentes. Urubus celebram. Marcelino R. de Pontes	Morangos fresquinhos. As maçãs do paraíso na hora do vizinho... Teruko Oda

SELEÇÕES MENSAIS ENVIAR NO MÁXIMO ATÉ TRÊS HAICAIS

Remeter até 30.07.00, kigos à escolha:
Acelga, Pau-de-sebo, Suniã.
Remeter até 30.08.00, kigos à escolha:
Brócolis, Correo Elegante, Dia do Pescador.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo – palavra da estação (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, (kigos à escolha em cada prazo), em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICAIS EM FOLHA

Na manhã nublada, um bando de periquitos colora o horizonte. Elen de Novaes Felix	Pomeis deliciosas! A doçura da velhinha levou-me a comprá-las... Ercy M. M. de Faria	Poncã na fruteira, vestindo a casa folgada. Moda japonesa. Maria Reginato Labruciano
Diálogo dos Animais vira-lata abandonado recebe um lar. Anita Thomaz Folmann	No arame entre as árvores periquito equilibrista sacia o jejum... Darly O. Barros	Criançada alegre festeja no zoológico Dia dos Animais. Olga dos Santos Bussade
No meio das folhas, uma vida se confunde. Verde periquito. Renata Paccola	Som do reajeio e o periquito da sorte esperam na esquina. Alba Christina	No meio da roça periquito como o milho. Algazarra total. Cecy Tupinambá Ulhôa
Crianças atentas aos arrulhos coloridos: periquitos soltos. Alba Christina	No outono, as poncãs alaranjam as plantações... Reflexos do soll Amália Marie G. Bornheim	Um papelzinho enrolado... — Sorte ou decepção? Maria Madalena Ferreira
Intensa lembrança, no Dia dos Animais: — Francisco de Assis!... Hermoclydes S. Franco	Ração melhorada... É Dia dos Animais... Meu gato mereceu! Ercy M. M. de Faria	Dia dos Animais. Alunos libertam pombos. Revoada no céu. Maria Reginato Labruciano
Na praça florida, periquito do reajeio prevendo o futuro! Hermoclydes S. Franco	Gaioia vazia... periquitos libertados alegrando a sala. Anita Thomaz Folmann	No cimento fresco, no Dia dos Animais, pezinhos e patas... Amália Marie G. Bornheim
Num vóto maior o periquito celebra a nova morada... Ercy M. M. de Faria	Canta o periquito no coqueiro do jardim, bicando sementes. Alison Cardoso de Oliveira	O esquadrão de periquitos... Ataque ao pomar. Maria Reginato Labruciano
Macaco brincando É Dia dos Animais. Fila de crianças... Analice Feitoza de Lima	Animais silvestres no Dia dos Animais à venda na feira... Darly O. Barros	Um perfume cítrico forte e gostoso, na mesa poncã descaçada. Alba Christina
Festa no zoológico, é o Dia dos Animais. Crianças alegres. Alison Cardoso de Oliveira	Árvore se curva; crianças disputando poncãs bem maduras. Olga dos Santos Bussade	Café da manhã. Cheiro de bolo caseiro. No prato a poncã. Sérgio Serra
Periquito em reajeio... bicadas na sorte. Renata Paccola	Sabão comu Ficou só a casca! Cecy Tupinambá Ulhôa	Bando de periquitos formando verde nuvem. Sol embaçado. Helvécio Dursó

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez				
Podemos chamar de trevo todos os <i>tercetos independentes</i> : ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2º com a 7ª.	Trevo senryu: Dezoito de julho: para um príncipe e uma rosa um dia especial. Alba Christina SF 9810	Trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem: Trovador declama em seu dia de alegria. Palmas espontâneas. Manoel F. Menendez	Trevo haikai subentendido ou trevo haikai sem sação: Muitas trovas no ar o rádio está transmitindo! A chuva lá fora... Manoel F. Menendez	Trevo haikai sazonal: Kigos vivenciais Dia do Trovador e Quadrilha; kidais de Inverno. Repentistas trovam: amigos, mortes, saudades. Dia do Trovador. José Neres Reis
O trevo senryu é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental. O trevo haikai , é sempre “aqui e agora” – não conceitual. Assim, temos: trevo haikai personagem ou trevo haikai senryu (não filosófico), trevo haikai subentendido (aborda a natureza sem situar a estação); trevo haikai sazonal, poesia pura – (o kigo, palavra da estação, define-a). Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!	Vaivéns da pobreza formam filas sinuosas: quadrilhas urbanas. Edmar Japiassú Maia	Num grito de guerra, o mocinho contra os índios. Matinê de domingo. Cecy Tupinambá Ulhôa	Quadrilha ensaiando, sinhazinha esperançosa. Ah! Meu Santo Antônio! Djalda Winter Santos SF 9708	Asilo de velhos... Bela, animada quadrilha... A volta no tempo!... Olíria Alvarenga SF 9806

NAMORO NOS ANOS DOURADOS

Ivan Herzog de Oliveira, de Arca de Não É, 1993

Arranjou uma namorada carioca,
coisa linda de morrer, no seu tipo
mignon, na sua tez morena de menina
de Copacabana. Conheceu-a em Petrópolis
e entre as muitas cartas trocadas,
havia sempre um fim-de-semana para
ir encontrá-la no Rio.
Eram os anos dourados, fins da
década de 50, fim de um tempo que
não volta mais.
Embora maiores de idade, o namoro,
pelo menos da parte dela, era mantido
em segredo perante seus parentes.
E os dois adoravam quando se en-
contravam, quando conseguiam se
falar por telefone, até gozando os
momentos que passariam juntos no
sábado e marcando os detalhes para
irem à praia ou a uma festa em casa de
parentes dele, que os tinha no Rio.
A única praia que podiam frequentar
era a Praia Vermelha, na Urca. Razão:

a única que dispunha de cabines para a
troca de roupa, pois ele não poderia
sair de Petrópolis, tomar um loteção
para Copacabana na Praia Mauá e de
lá, da Rua Barata Ribeiro, tomar outro
loteção até a Av. Pasteur onde saltava
e iam a pé até a Urca, vestindo um
short ou uma bermuda, coisa que
qualquer garotão faz hoje. Naqueles
tempos dourados, nem pensar. Ainda
havia decoro e respeito pelo próximo.
Esta era a odisséia do nosso herói, cada
vez que descia para encontrar seu amor.
Sair de Petrópolis bem cedo, saltar
na praça Mauá, embarcar em um
bólide Mauá-Copacabana, geralmente
dirigido por um alienado, descer na
Barata Ribeiro, esperar sua namorada
quase uma hora na porta do edifício
onde ela morava, andar até a N. S. de
Copacabana e lá embarcar em outro
bólide que passasse pelo late Club, on-

de saltavam e depois de uma última
caminhada, a triunfal chegada à praia.
Mas, em nome do amor e pelo amor
se faz qualquer sacrifício, para que ele
“seja eterno enquanto dure”, não é
verdade, Vinícius de Moraes?
Em um desses dias, depois dessas
peripécias todas, heis os dois à beira-
mar, prontos para o primeiro e refres-
cante mergulho nas águas outora-
límpidas.
De pé sobre umas pedras quase à flor
d’água, quando a mansa onda vem, ela
grita e mergulha “Vamos, meu bem!”
Por uma fração de segundo ele
tuteia. Quando a onda vai, ele tam-
bém. Sai da água metros adiante, ainda
dando pé. Ela já o aguarda, pronta para
lhe dar um caldo, e se possível, trocar
um furtivo beijo, coisa rápida e esqui-
va, não era como essa chupação que se
vê hoje em dia em qualquer lugar, a

qualquer hora do dia. Aqueles eram os
anos dourados!
Onde é que eu estava mesmo? Ah!
Nosso herói se espanta com a cara de
espanto da sua amada. Ela está sim-
plesmente horrorizada!
– Meu amor, o que aconteceu? Você
está coberto de sangue, da cabeça até a
cintura.
Realmente. Ao mergulhar, ele raspa-
ra toda a parte frontal do corpo no
fundo, na areia cheia de pedacinhos de
mariscos e conchas. Do alto da testa
até aos joelhos. A água salgada não o
deixara sentir assim de pronto, o que
aconteceu.
– Vamos já para o pronto-socorro!
– Não é preciso, meu bem. Foi super-
ficial, nenhum arranhão mais profun-
do...
– Não senhor. Vamos já. Ali em
frente tem uma farmácia.

Na farmácia, um vidro de mercuro-
cromo foi fartamente aspergido pelos
arranhões. O sangue parou de correr,
mas o dito cujo ficou parecendo um
índio pintado para a guerra com os
caras-pálidas.
Depois dessa, nada mais a fazer do
que recolher a roupa, trocá-la entre
gemidos e fazer todo o percurso inver-
samente, mas chamando a atenção de
meio mundo para eles. Ela, se desdo-
brando em cuidados e carinhos para
com seu amado e ele, com a cara mais
infeliz do mundo.
Ao chegar em casa, de tardinha, a
mãe se espanta:
– Meu filho! Que foi isso? Você foi
atropelado? Eu não te disse para não se
meter a namorar no Rio?
– Não, mãe. Não foi nada disso. Não
é nada grave. O diabo não é tão feio
como o pintam...